

HILARY MANTEL

*O assassinato de  
Margaret Thatcher*

e outras histórias

Tradução de  
HELOÍSA MOURÃO

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Desculpe Incomodar

Naquela época, a campainha não tocava com frequência e, se tocasse, eu recuava para as entranhas da casa. Era só diante de um toque persistente que eu cruzava os tapetes na ponta dos pés e fazia o trajeto até a porta da frente e seu olho mágico. Tínhamos toda sorte de trancas e postigos, cadeados e dobradiças, correntes de segurança e altas janelas gradeadas. Através do olho mágico, vi um homem agitado num amarrotado terno cinza-prateado: uns 30 anos, asiático. Ele se afastou da porta e olhou ao redor, examinando a porta fechada e trancada diante dele e o topo das escadas de mármore empoeiradas. Ele apalpou os bolsos, tirou um lenço embolado e o esfregou no rosto. Parecia tão transtornado que seu suor poderia ser confundido com lágrimas. Abri a porta.

No mesmo instante, ele levantou as mãos como que para mostrar que estava desarmado, o lenço caindo como uma bandeira branca.

— Senhora!

Devo ter parecido apavorada sob a luz que manchava os azulejos com sombras oscilantes. Mas ele então respirou fundo, repuxou o paletó amassado para ajeitá-lo, passou a mão pelo cabelo e sacou seu cartão de visita.

— Muhammad Ijaz. Importação-Exportação. Sinto muito por perturbar sua tarde. Estou totalmente perdido. A senhora me permite usar seu telefone?

Eu me pus de lado para deixá-lo entrar. Sem dúvida, eu sorri. Considerando o que se seguiria, só posso supor que sorri.

— Claro. Se estiver funcionando hoje.

Eu caminhei na frente e ele me seguiu, falando; um negócio importante, já estava quase fechado, uma visita pessoal ao cliente era necessária, tempo — ele ergueu a manga e consultou um Rolex falso —, tempo se esgotando; ele tinha o endereço — mais uma vez, ele apalpou os bolsos —, mas o escritório não se encontra onde deveria. Ele falou ao telefone em um árabe acelerado, fluente, agressivo, as sobrançelas se erguendo, para enfim menear a cabeça; ele baixou o fone e o fitou tristemente; depois me encarou com um sorriso amargo. Lábios finos, pensei. Quase um homem bonito, mas não: magro, pálido, facilmente abalado.

— Estou em dívida com a senhora, madame — disse ele. — Agora tenho que correr.

Eu queria oferecer algo, mas o quê? Usar o banheiro? Uma pausa para se aliviar? Não tinha ideia de como colocar em palavras. As palavras absurdas “lavar-se e se aprumar” me vieram à mente. Mas ele já se dirigia para a porta — porém, pela forma como a chamada terminara, achei que talvez não estivessem tão ansiosos por vê-lo em seu destino quanto ele queria vê-los.

— Esta cidade louca — comentou ele. — Estão sempre esburcando e desviando as ruas. Sinto muito por invadir sua privacidade. — No corredor, ele lançou outro olhar ao redor de si e ao topo das escadas. — Só os britânicos se dispõem a ajudar.

Ele deslizou pelo corredor e escancarou a porta com a pesada tela de ferro; dando passagem, por um momento, ao barulho indistinto do tráfego da via Medina. A porta se fechou, ele se foi. Fechei a porta do corredor cautelosamente e tornei-me uma só com o silêncio opressivo. O ar-condicionado trepidava como um velho parente padecendo de uma crise de tosse. O ar estava carregado de inseticida; às vezes, eu borrifava enquanto andava, e ele caía

à minha volta, cintilando como névoa, véus. Retomei meu livro de frases e a fita cassete, Quinta Lição: *Estou morando em Jidá. Estou ocupada hoje. Deus lhe dê força!*

Quando meu marido voltou para casa à tarde, eu disse a ele:

— Um homem perdido passou por aqui. Paquistanês. Empregado. Deixei que ele entrasse para usar o telefone.

Meu marido ficou em silêncio. O ar-condicionado seguia em sua tosse rascante. Ele entrou no chuveiro após expulsar as baratas. Saiu novamente, pingando, nu, deitou na cama, fitou o teto. No dia seguinte, joguei o cartão de visita no lixo.

Na parte da tarde, a campainha tocou novamente. Ijaz voltava, para pedir desculpas, para explicar, para me agradecer por salvá-lo. Fiz um pouco de café instantâneo e ele se sentou e me contou de si.

\* \* \*

Era então junho de 1983. Eu estava na Arábia Saudita havia seis meses. Meu marido trabalhava para uma empresa de consultoria de geologia com sede em Toronto e tinha sido recomendado por ela para o Ministério de Recursos Minerais. A maioria de seus colegas estava alojada em “conjuntos” familiares de vários tamanhos, mas os homens solteiros e um casal sem filhos como nós tinham que aceitar o que viesse. Este foi nosso segundo apartamento. O americano solteiro que o ocupara antes havia sido transferido às pressas. No andar de cima, neste bloco de quatro apartamentos, vivia um funcionário público saudita com sua esposa e bebê; o quarto apartamento estava vazio; no térreo, no extremo oposto do corredor ao nosso apartamento, vivia um contador paquistanês que trabalhava para um ministro do governo, gerenciando suas finanças pessoais. Encontrando mulheres no corredor ou na escada — uma delas coberta de negro da

cabeça aos pés, outra parcialmente velada —, o solteiro animava sua vida exclamando “Olá!” ou possivelmente “Oi!”.

Não houve nenhuma sugestão de maiores impertinências. Mas uma reclamação foi feita e ele desapareceu, e nós fomos morar lá em seu lugar. O apartamento era pequeno para os padrões sauditas. Tinha carpete bege e papel de parede branco-gelo, no qual havia uma suave estampa rugosa, quase imperceptível. As janelas eram guardadas por pesadas persianas de madeira que eram baixadas ao se girar uma maçaneta na parte de dentro.

Mesmo com as persianas erguidas, era escuro e eu precisava manter as lâmpadas fluorescentes acesas o dia todo. Os quartos eram separados entre si por portas duplas de madeira escura, pesadas como tampas de caixão. Era como viver numa casa funerária, com caixões empilhados ao redor e insetos oportunistas se fritando nas luzes.

\* \* \*

Ijaz era formado por uma escola de administração de Miami, segundo contou, e sua empresa, seu principal negócio naquele preciso momento, era de água engarrafada. O acordo havia sido fechado na véspera? Ele foi evasivo: obviamente, não havia nada simples a respeito. Brandiu a mão no ar — é preciso dar tempo ao tempo, dar tempo ao tempo.

Eu ainda não tinha amigos na cidade. Tal como era, a vida social se centrava em casas particulares; não havia cinemas, teatros nem salas de reunião. Havia quadras de esportes, mas as mulheres não podiam frequentá-las. Nenhuma “reunião mista” era permitida. Os sauditas não se misturavam com os trabalhadores estrangeiros. Eles os desprezavam como um mal necessário; todavia, os expatriados de pele branca e fala inglesa estavam no topo da cadeia hierárquica. Outros — Ijaz, por exemplo — eram

“Cidadãos de País Terceiro”, um rótulo que os expunha a toda sorte de truculência, insulto e complicações diárias. Indianos e paquistaneses trabalhavam em lojas e pequenos negócios. Filipinos trabalhavam na construção civil. Homens da Tailândia limpavam as ruas. Iemenitas barbados se sentavam nas calçadas do lado de fora das lojas, os saíões enrolados, as pernas peludas aparecendo, seus chinelos a centímetros dos carros em disparada.

Sou casado, disse Ijaz, e com uma americana; você precisa conhecê-la. Talvez, talvez você possa fazer algo por ela, sabe?

Na melhor das hipóteses, o que previ foi o habitual arranjo de Jidá, de casais unidos por algemas. As mulheres não tinham força motriz nesta cidade; não possuíam carteira de habilitação e só as ricas tinham motoristas. Assim, os casais que queriam fazer uma visita precisavam ir juntos. Eu não achava que Ijaz e meu marido se tornariam amigos. Ijaz era muito agitado e nervoso. Ele ria de tudo. Estava sempre mexendo no colarinho e torcendo os pés em seus mocassins puídos, sempre tamborilando no Rolex falso, sempre se desculpendo.

Nosso apartamento fica junto ao porto, disse ele, com minha cunhada e meu irmão, mas ele voltou para Miami agora e minha mãe está aqui agorinha mesmo para uma visita, e minha mulher da América, e meu filho e minha filha, um de 6, a outra de 8 anos. Ele pegou a carteira e me mostrou um menino estranho com cabeça cônica.

— Saleem.

Quando saiu, ele me agradeceu novamente pela confiança em deixá-lo entrar na minha casa. Porque, comentou, ele podia ser qualquer um. Mas não é coisa de ingleses, pensar mal de estranhos necessitados. Na porta, ele apertou minha mão. Isto é tudo, pensei. E parte de mim pensou, melhor que seja mesmo.

\* \* \*

Porque éramos sempre observados: por alto, sem exatamente sermos vistos, reconhecidos. Para passar do meu apartamento ao dela, minha vizinha paquistanesa Yasmin jogava um lenço sobre o cabelo ondulado, depois espiava pela porta; com movimentos nervosos, rápidos, ela saltitava pelo mármore, cabeça virando de um lado para o outro, caso alguém resolvesse entrar pela pesada porta da rua naquele momento. Às vezes, irritada com a poeira que soprava sob a porta e se acumulava no mármore, eu saía ao corredor com uma longa vassoura. Meu vizinho saudita descia do primeiro andar a caminho do carro e saltava por minhas vassouradas sem olhar para mim, a cabeça virada. Ele me brindava com invisibilidade, como um sinal de respeito à mulher de outro homem.

Eu não sabia bem se Ijaz me concedia esse respeito. Nossa situação era anômala e mais que propensa a mal-entendidos: eu recebia um visitante às tardes. Ele provavelmente achava que só o tipo de mulher que se arriscava demais deixaria um estranho entrar em sua casa. No entanto, eu não conseguia imaginar o que ele de fato pensava. Certamente a escola de administração em Miami e certamente seu período no Ocidente faziam minha atitude parecer mais normal do que o contrário, não? Sua conversa estava relaxada agora que ele me conhecia, cheia de piadas fracas das quais ele mesmo ria; mas logo vinha o pé sacudindo, os puxões no colarinho, o tamborilar dos dedos. Eu notei, ouvindo minha fita, que a situação dele estava prevista na Lição Dezenove: *Dei o endereço ao motorista, mas quando chegamos, não havia casa alguma no endereço*. Eu esperava mostrar com meu tom amigável e vívido o que era apenas a verdade: que nossa situação podia ser simples, porque eu não sentia absolutamente nenhuma atração por ele; tão nula que eu quase me sentia culpada por isso. Foi aí que começou a dar errado — minha sensação de que eu tinha de corroborar o caráter nacional que ele atribuía a mim e de que eu



não podia frustrá-lo nem recusar uma amizade, para que ele não pensasse que era por ele ser um Cidadão de País Terceiro.

Sua segunda visita e a terceira foram uma interrupção, quase uma irritação. Sem opção naquela cidade, decidi aceitar meu isolamento, valorizá-lo. Eu estava doente naqueles dias e submetida a um duro regime de remédios que me causava dores de cabeça desesperadoras, me tornava ligeiramente surda e incapaz de comer, por mais que eu sentisse fome. Os medicamentos eram caros e tinham que ser importadas da Inglaterra; a empresa do meu marido as trazia por courier. Boatos vazaram sobre isto e as esposas da empresa concluíram que eu estava tomando remédios para fertilidade; mas eu não sabia disso e minha ignorância tornava nossas conversas peculiares e, para mim, um pouco ameaçadoras. Por que elas sempre falavam, nas ocasiões sociais forçadas da empresa, sobre mulheres que haviam sofrido abortos mas que agora tinham bebês saltitando nos carrinhos? Uma mulher mais velha confidenciou que seus dois tinham sido adotados; olhei para eles e pensei: Jesus, de onde? Do zoológico? Minha vizinha paquistanesa também se juntou às previsões da prole que eu teria em breve — ela estava por dentro dos rumores, mas eu atribuí suas insinuações ao fato de que ela estava esperando seu primeiro filho e queria companhia. Eu a via quase todas as manhãs para um intervalo de café e um papo, e preferia induzi-la a falar sobre o Islã, o que era bastante fácil; ela era uma mulher instruída e com vontade de instruir. Seis de junho: “Passei duas horas com minha vizinha”, diz meu diário, “alargando o abismo cultural.”

No dia seguinte, meu marido trouxe passagens aéreas e meu visto de saída para nossas primeiras férias de volta à Inglaterra, por sete semanas. Quinta-feira, 9 de junho: “Encontrei um fio branco na minha cabeça.” Na Inglaterra havia uma eleição geral, e passamos a noite acordados para ouvir os resultados no *BBC World Service*. Quando apagamos a luz, a filha do dono da mercearia

dançou em meus sonhos ao som de *Lillibulero*. Sexta-feira era feriado e dormimos sem perturbações até a chamada para a oração do meio-dia. O Ramadã começava. Quarta-feira, 15 de junho: “Li o *Twbyborn Affair* e vomitei esporadicamente.”

No dia 16, nossos vizinhos do outro lado do corredor partiram para a peregrinação, vestidos de branco. Eles tocaram nossa campainha antes de sair:

— Querem que tragamos algo de Meca para vocês?

Dezenove de junho chegou quando eu estava desesperada por mudança, movendo os móveis pela sala de estar e registrando “sem grande melhora”. Escrevo que sou presa de “pensamentos desagradáveis e intrusivos”, mas não digo quais. Eu me descrevo como “acalorada, enjoada e rabugenta”. Por volta de 4 de julho eu devia estar mais feliz, porque escutei a *Eroica* enquanto passava roupa. Mas na manhã de 10 de julho, eu me levantei primeiro, coloquei o café para fazer, fui para a sala de estar e descobri que a mobília tentara voltar para o lugar original. Uma poltrona estava inclinada para a esquerda, como se executasse uma dança embriagada; de um lado, sua base se apoiava no tapete, mas do outro lado tinha um pé no ar e se equilibrava delicadamente na borda de um frágil cesto de lixo. Boquiaberta, corri de volta para o quarto; era o feriado do Eid, e meu marido ainda estava meio dormindo. Eu despejei um monte de palavras em cima dele. Silencioso, ele se levantou, colocou os óculos e me seguiu. Ele parou na porta da sala de estar. Olhou ao redor e me disse sem hesitação que não havia mexido em nada. Ele entrou no banheiro. Eu o ouvi fechando a porta, xingando as baratas, abrindo o chuveiro. Mais tarde eu disse: Devo ser sonâmbula. Você acha que é isso? Você acha que eu fiz isso? Doze de julho: Sonho de execução outra vez.

O problema era que Ijaz sabia que eu estava em casa; como eu iria a qualquer lugar? Certa tarde, eu o deixei no corredor enquanto ele apertava e apertava a campainha, e na vez seguinte, quan-

do deixei que entrasse, ele me perguntou aonde eu tinha ido; quando respondi, “Ah, desculpe, provavelmente estava com minha vizinha”, vi que ele não acreditou em mim, e ele me encarou com tanta tristeza que fiquei de coração partido. Jidá o oprimia, irritava, e ele tinha saudades, segundo disse, dos Estados Unidos, tinha saudades de suas visitas a Londres, tinha de ir em breve, tirar umas férias; quando seria nossa licença, quem sabe poderíamos nos encontrar? Expliquei que eu não morava em Londres, o que o surpreendeu; ele pareceu suspeitar que era uma desculpa, como minha recusa em atender a porta.

— Porque eu poderia obter um visto de saída — repetiu ele. — Encontrar lá. Sem tudo isso... — Ele apontou para as portas de caixão, a pesada mobília com vontade própria.

Ele me fez rir naquele dia, me contando sobre sua primeira namorada, a moça americana cujo apelido era Patches. Era fácil imaginá-la, atrevida e bronzeada, embasbacando Ijaz um dia ao tirar a blusa, balançar os seios nus para ele e pôr um fim à sua virgindade. O medo que ele sentiu, o terror de tocá-la... seu desempenho vergonhoso... Lembrando, ele esfregava a testa com os nós dos dedos. Fiquei comovida, suponho. Quantas vezes um homem nos conta essas coisas? Eu contei a meu marido na esperança de fazê-lo rir, mas ele não riu. Muitas vezes, para ser útil, eu eliminava as baratas com o aspirador antes de seu retorno do Ministério. Ele tirava a roupa e entrava. Eu ouvia o barulho do chuveiro. Lição Dezenove: *Você é casado? Sim, minha mulher está comigo, ela está ali parada no canto da sala.* Imaginei as baratas, escuras e estrebuchantes no saco do aspirador.

Voltei para a mesa de jantar, sobre a qual eu estava escrevendo um romance cômico. Era uma atividade secreta, que eu nunca mencionava para as esposas da empresa e mal mencionava para mim mesma. Rascunhei sob a lâmpada fluorescente até chegar a hora de sair para comprar comida. Era preciso fazer compras entre

as orações do poente e as orações da noite; se perdêssemos a hora, então na primeira chamada de oração as lojas fechavam as portas, prendendo você lá dentro ou do lado de fora, no calor úmido do estacionamento. Os shoppings eram patrulhados por voluntários do Comitê para a Propagação da Virtude e da Eliminação dos Vícios.

No final de julho, Ijaz trouxe sua família para um chá. Mary-Beth era uma mulher pequena, mas parecia inchada sob a pele; apagada, sardenta, flácida, era uma ruiva desbotada que parecia ter-se fechado em si mesma, desacostumada a conversar. Uma filha silenciosa com olhos como estrelas negras tinha sido arrastada para a visita num vestido branco de babados. Aos 6 anos, Saleem e sua cabeça cônica já haviam perdido a gordurinha de bebê, e seus movimentos eram hesitantes, como se seus membros fossem quebradiços. Seus olhos eram vigilantes; Mary-Beth quase nunca encontrava meu olhar. O que Ijaz tinha dito a ela? Que a levaria para conhecer uma mulher que era um pouco como ele gostaria que ela fosse? Foi uma tarde infeliz. Só sobrevivi a ela porque estava vibrando numa onda de expectativa; minhas malas estavam prontas para nosso voo para a Inglaterra. Um dia antes, quando entrei no quarto de hóspedes onde guardava minhas roupas, tive outra visão desanimadora. As portas do armário embutido, que eram grandes e sólidas como as outras tampas de caixão, tinham sido removidas de suas dobradiças; haviam sido substituídas, mas presas somente pelas dobradiças inferiores, de modo que as metades de cima batiam como as asas de alguma máquina voadora em ruínas.

No dia 1º de agosto, deixamos o aeroporto internacional King Abdulaziz durante uma tempestade elétrica e tivemos um voo turbulento. Eu estava curiosa quanto à situação de Mary-Beth e esperava vê-la novamente, mas outra parte de mim desejava que ela e Ijaz simplesmente desaparecessem.

\* \* \*